

## ENTREVISTA COM E.M. DE MELO E CASTRO

Edgard Pereira

Organizador, com Maria Alberta Menêres, da hoje clássica *Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa* (primeira edição 1959 e hoje com 4 edições), E.M. Melo e Castro tem-se dedicado à produção poética e à crítica literária. Entre suas obras, *Entre o Som e o Sul* (1960), *Queda Livre* (1961), *Ideogramas* (1962), *Álea e Vazio* (1971), *O Próprio Poético* (1973), *Ciclo Queda Livre* (1973), *Concepto Incerto* (1977). Convidado pelo Centro de Estudos Portugueses da UFMG, aqui esteve em setembro de 82 para participar do Ciclo de Estudos Comparados e oferecer um curso sobre poesia portuguesa contemporânea. Na época, propusemos-lhe (Lélia Duarte também participou) as seguintes questões (algumas atrevidas, sem dúvida), que propiciaram uma reflexão sobre vários temas, principalmente a poesia experimental portuguesa.

E.P. - Libertar-se da literatura portuguesa - em que pese seu caráter de expressão cultural de um povo colonizador - tem sido uma das constâncias nas tendências vanguardistas brasileiras. Muitas vezes a busca de identidade e autonomia confundiu-se com a negação de influências assimiladas. Três questões:

a. Haveria (explícita ou subjacente) uma luta pelo poder literário entre as duas literaturas?

b. Não haveria uma inequívoca superioridade da literatura brasileira sobre a portuguesa em

dois momentos: o romance regional e a Poesia Concreta?

c. Até que ponto a emulação tem um caráter estimulante, provocador?

Melo e Castro: Em primeiro lugar, não sei o que é o poder literário. Sempre considerei a literatura um contra-poder. Penso que adoptar para a interpretação dos factos culturais a mesma terminologia dos opressores anti-culturais é colaborar com a própria opressão que se pretende combater. A literatura é um contra-poder porque seu único inimigo é o poder instituído que usa a palavra e a comunicação com fins alienantes. Palavra e comunicação que são os meios específicos e próprios da produção literária. Por isso, a vanguarda literária de um país, inventiva e renovadora que é, não entra em competição com a vanguarda de outro país, mas os seus efeitos podem juntar-se, na luta contra as tiranias dos poderes instituídos, desconstruindo os discursos desses poderes e procurando uma maior liberdade de comunicação e invenção. Em segundo lugar, acho que as duas literaturas, a portuguesa e a brasileira, que se confundiram até certo ponto, a partir da independência do Brasil progressivamente se afastaram, em caminhos perfeitamente autônomos e paralelos, com pontos de convergência mas também com pontos de divergência. Mas não vejo atualmente uma concorrência da literatura portuguesa com a brasileira.

Isto leva à segunda pergunta: a interação das duas literaturas em dois momentos: o romance

regional e a poesia concreta. No que diz respeito à poesia concreta devo dizer que esta colocação me parece demagógica e falsa. Esta colocação está à procura de um litígio, e não à procura de um respeito mútuo. Portanto eu a repudio energicamente porque, desde o começo das minhas relações com o grupo de São Paulo, da Poesia Concreta, que se prolongaram com estreitas relações de amizade e de respeito mútuo com o grupo Tendência, de Belo Horizonte e, posteriormente, com o Poema-Processo do RGN e RJ, nunca se colocou o problema de hegemonia de qualquer destes movimentos com relação à poesia experimental portuguesa. Colocou-se, mas foi, um companheirismo, um trabalho comum a se fazer do lado de cá e do lado de lá, qualquer que seja o lado do Atlântico em que a gente se coloque. Portanto, do lado brasileiro e do lado português. Lembro-me muito bem de uma carta de 1962, em que fiz essa colocação ao Haroldo de Campos, que me disse que o que interessava realmente é que o português do Brasil fosse melhor entendido em Portugal, o português de Portugal melhor entendido no Brasil. Que a poesia concreta contribua para estreitar esses laços, e não para criar rivalidades. Há fatos históricos e críticos que têm de ser ditos claramente: o grupo Noigandres foi o iniciador, na escala global, do movimento da poesia concreta, de acordo com Eugen Gomringer, da Suíça. E a colocação que eles fizeram, fizeram-na no final da década de 50. E a poesia experimental portuguesa começa em 1961, e evidentemente vem alguns anos depois da poesia concreta de São Paulo.

Não há nada de mal nisso. Não estamos numa corrida de cavalos, estamos num encontro de pessoas inteligentes, mais nada. E há duas gerações, para não dizer até três gerações de poesia concreta-experimental Internacional: uma delas, que é a do concretismo ortodoxo, constituída pelo grupo Noigandres e Eugen Gomringer; depois há a segunda geração da poesia internacional, na qual nós, portugueses, estamos inseridos. Estamos muito bem acompanhados, acompanhados de Chopin (França), de Spatola (Itália), de D. Silvester Houédard e de Finlay (na Inglaterra) e muitos outros em todo mundo que vieram depois e que por isso não são menos que os que vieram antes. Por isso, repito, esta colocação me parece a procura do conflito.

Pois evidentemente, a emulação tem um caráter estimulante e provocador. Mas simplesmente esta emulação não é necessária quando se trata de produzir poesia. Porque de fato não estamos num concurso, repito. Quando se trata de produção poética, de fato não estamos num concurso. A poesia não é uma corrida de cavalos. Ninguém chega antes, ninguém chega depois. Ou se chega, ou não se chega. Ou se faz um trabalho válido, criativo, inovador, ou não se faz.

Quanto ao romance regional, não sei o que se quer dizer com isso, mas suponho que diz respeito à poesia popular. É claro que há nos dois países uma riquíssima literatura popular, uma literatura de cordel no Brasil, como hoje em Portugal já já não existe. Em Portugal o que há é um ressurgi-

mento notável de poesia popular no Alentejo, dos cantadores e improvisadores das décimas e a recuperação da poesia oral anônima que estava se perdendo e cuja origem é muitíssimo remota.

E.P. - A pergunta visa à interação entre o romance neo-realista português e o moderno romance regional brasileiro.

Melo e Castro - É um fato histórico que os primeiros romances de Jorge Amado tiveram influência no neo-realismo português. Mas esse foi um impulso entre outros, como a problemática criada pela guerra de Espanha, o romance realista norte-americano, a jovem literatura soviética da década de 30 e principalmente a necessidade de resistir ao fascismo nascente no regime de Salazar. Mas acho que o essencial na literatura comparada não é checar quem é o melhor, o essencial é provocar relações de intertextualidade. Elas são produtivas em si próprias.

E.P. - Num confronto apressado entre a Poesia Concreta e a Poesia Experimental o que ressalta, no Brasil, é a contribuição de uma parcela de músicos populares, a adesão (embora com outro rótulo, Tropicalismo) de músicos experimentais (ou que o foram na década de 70). Em Portugal, pelo que parece, essa intertextualidade se deu noutras áreas.

Melo e Castro - Sim, as relações intertextuais da Poesia Experimental em Portugal não se deram de fato com a música popular, porque a música, na década de 60, quando nós começamos, era praticamente

inexistente. O movimento da música popular de protesto da década de 60 (os baladeiros) era de inspiração neo-realista e nada tinha a ver com a Poesia Experimental nem mesmo com qualquer experimentalismo musical. As relações interdisciplinares deran-se com a música de vanguarda através do Jorge Peixi - nho e de Clotilde Rosa e dos outros músicos que trabalhavam no Grupo de Música Contemporânea de Lisboa que então se formou e que ainda existe. Esta relação foi muito produtiva mas numa faixa erudita, se quisermos usar essa dicotomia entre erudito e popular. Deu-se, também, com o teatro: não era possível se fazer teatro de vanguarda em 60 por causa da censura, então recorremos ao "happening" e assim foi teatro feito sem ator, feito por nós próprios, nos poucos espaços possíveis, nas galerias de arte. Os happenings que fizemos foram todos de inspiração dadaísta, com grande margem de improvisação e de nonsense. Outra área intertextual em que nos envolvemos foi a relação com as artes plásticas, principalmente com alguns pintores que co - nosco trabalhavam, como por exemplo o João Vieira, e com o nosso próprio trabalho na produção de poemas visuais, alguns deles de grandes dimensões, que se podem confundir com obras de arte plástica, principalmente no capítulo do cartaz, do "out-door" e do grande mural. Estas são as relações intertex - tuais mais importantes que nós tivemos.

Existiram no Brasil estas mesmas relações por que eu lembro, o músico de vanguarda Gilberto Mendes também fez relações com o grupo Noigandres, logo desde a partida. E até me recordo de ter em 1966,

em São Paulo, assistido a algumas conferências e exposições do músico contemporâneo *Xenakis* que eram realmente fervorosamente saudadas pelos poetas concretos. Portanto, no Brasil também havia um entrosamento com a música contemporânea e erudita.

E.P. - Você declarou, no seu discurso, que o objetivo da P0.EX seria transformar a sociedade pela linguagem, sem, contudo, revelar o modelo ideológico. Até onde esse procedimento não seria uma máscara para ocultar a ausência de ideologia?

Melo e Castro - É possível que o que eu tenha dito no meu curso não tenha sido muito explícito, quanto ao projeto que anteriorizava a posição da P0.EX. De fato, nós nos propusemos a destruir determinado discurso que era ideologicamente conservador, fascista em alguns aspectos, opressivo em todos eles e quando pessoas pretendem destruir isto já revelam o programa ideológico. Não precisam de o armar em bandeira. Em todo caso, admito que nas exposições que fiz não tenha referido explicitamente qual é esse projeto ideológico. De fato, nós em Portugal não precisávamos de nos explicitar. Era um projeto de oposição ao governo de Salazar, uma oposição democrática duma grande abertura. E havia na P0.EX posições ideológicas que iam desde o liberalismo burguês até ao socialismo e ao comunismo. Em todo caso, em Portugal não se podia explicitar esse programa e toda a gente sabia que a poesia experimental - através da dissolução do discurso - pretendia e era de fato um mo

vimento de oposição ao regime salazarista. Se eu o não disse é porque senti que ficou tão : óbvio, tão natural que não precisava explicitá-lo. Mas, agradeço a pergunta, pela oportunidade que me dá dizer o preto no branco.

E.P. - Não seria oportuno que esse diálogo entre a poesia portuguesa e a poesia brasileira se entendesse também à área da ficção? Os problemas comuns (inflação, etc.) que nos identificam por si só não o autorizam?

Melo e Castro - Há demasiados problemas comuns entre Portugal e Brasil embora haja também problemas específicos. Suponho que há uma grande relação trans-especial e transcultural muito vasta para uma atitude comparativa na área da ficção. Acho que isto é perfeitamente possível e acho que haverá alguém que o faça. Eu dedico-me com preferência à área da produção poética. Não serei a pessoa melhor equipada para fazer essa aproximação.

Quanto à inflação, há hoje uma inflação em Portugal que não é igual à inflação brasileira. O problema tem extensões e repercussões econômicas diferentes. O tratamento que se dá à inflação no Brasil não é o mesmo que se dá à inflação em Portugal. Não é oriunda das mesmas causas e não tem a mesma importância social. Talvez em Portugal uma pequena inflação tenha mais importância do que no Brasil uma inflação relativamente maior. Por exemplo, não existe em Portugal qualquer espécie de indexação dos salários à inflação. Isto cria problemas: qualquer distorção, por pequena que seja,



cria problemas sociais difíceis e imediatos porque os salários não acompanham. Então há uma diminuição imediata do poder de compra. Aqui no Brasil sei que não acompanham, mas de certo modo existe uma indexação (em economia se fala indexação) que em Portugal não existe de forma nenhuma. Além disso a origem da inflação brasileira é uma, e em Portugal é outra. Mas isto são comentários marginais, porque haverá outros problemas sociais a serem tratados. Como, por exemplo, o problema da colocação de Portugal frente à Europa, da relação com o Terceiro Mundo, etc., da constituição de uma comunidade econômica luso-brasileira, ou brasileira luso-africana. Este é um problema realmente importante que devia ser considerado e não tem tido influência nos governos que nos orientam: a preocupação de se estabelecer uma comunidade econômica. As relações entre Portugal e Brasil têm sido feitas de boas intenções a nível oficial, mais nada, e tudo o resto repousa na iniciativa particular ou de alguns organismos para-estatais ou de algumas universidades ou instituições. E dentro dessas universidades ou instituições, de alguns centros de trabalho que se aproximam do trabalho de um país ou de outro, mas em última análise tudo acaba sendo um trabalho individual. É o caso da minha presença aqui, que se deve ao grande interesse do Centro de Estudos Portugueses da UFMG, que conseguiu convencer as autoridades portuguesas e nomeadamente o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, em Lisboa, de que a minha vinda aqui teria algum interesse para o trabalho que estavam a realizar aqui na faixa de Lín-

gua Portuguesa. Portanto, é destas ações pioneiras (digamos assim) e individuais que se vai constnuiu do a verdadeira rede de ligações entre as duas cul\_turas, que devem ser consideradas num todo como ir\_mãs e co-participantes no mundo de língua portuguesa.

L.D. - Você disse que há em Portugal atualmente uma fuga para o idealismo. Como se constata isso e qual seria a causa do fenômeno?

Melo e Castro - A pergunta é muito interessante. Há de fato uma fuga para o idealismo nas camadas mais jovens que têm razões sociológicas muito claras. A falta de respostas às ansiedades dos jovens na sociedade portuguesa está a se acentuar e está ligada a uma crise econômica profunda que o mundo está a passar. Num país como Portugal, fortemente dependente das economias estrangeiras, principalmente da economia européia, da política do FMI, se reflete por vezes catastroficamente. De fato, os jovens não encontram respostas ao nível do primeiro emprego, resposta à casa, o apartamento para constituir família; as dificuldades de ingresso no ensino universitário e uma certa insatisfação em termos materiais, mas também em termos psicológicos, culturais. O debate que se está a travar atualmente em Portugal sobre se vamos para a Europa, ou se não vamos para a Europa, é criador de instabilidade psicológica, é criador realmente de uma grande incerteza para o futuro e a fuga para o idealismo é o mais fácil, é o normal. Para uma atitude intimista, de olhar o próprio umbigo, de se fechar na sua con\_

cha e de procurar viagens através da imaginação e fugir à luta. Evidentemente nem todos os jovens de Portugal estão nessa atitude. Eu disse apenas que há uma tendência acentuada e que se manifesta através de um neo-romantismo exacerbado, de um caráter provinciano e localizado sem grandes ambições dos poetas mais novos que estão surgindo. É difícil dizer que há uma atitude geral e coletiva. Não. Por exemplo, na classe operária, há muitos jovens que têm uma atitude otimista e construtiva perante o futuro e de encarar as dificuldades atuais como fase de luta para a construção de uma sociedade futura, em que não haja opressão do homem pelo homem e muito menos absurdos considerados.

L.D. - Nesse neo-romantismo não estaria incluída a renovação das estruturas românticas na construção do romance?

Melo e Castro - Estou convencido de que isso será uma faceta mais clara na poesia que no romance. Os novos romancistas portugueses, têm uma variada colocação de problemas e grande extensão social, cobrindo áreas que nunca foram cobertas, por tramas ficcionais, e pondo colocações novas de tratamentos narrativos, não têm nada de neo-romantismo. Esse neo-romantismo nota-se principalmente na poesia. O romance português eu não acho que seja neo-romântico. Acho até que há um tratamento do discurso com diversidade dos problemas sociais, uma grande diversidade, uma grande frescura até. Acho que é um movimento inovador.

L.D. - Eu me referia à ironia romântica, à presença do narratário dentro do contexto narrado, o que estaria repetindo processos utilizados por Camilo e Garret, principalmente.

Melo e Castro - Ah, estou de acordo, mas isso eu não chamaria de romantismo decadente.

L.D. - Você falava de romantismo decadente...

Melo e Castro - Decadente, nihilista, individualista, intimista, personalizado, provinciano até. A volta dos modelos de Camilo é extremamente importante, porque Camilo é o que há de mais vigoroso, mais original, mais autêntico (para usar esta palavra que eu não gosto muito, mas em relação a Camilo impõe-se usar este termo) que existe na ficção portuguesa. E algumas vezes, quando faço críticas ao romance neo-realista dos anos 40/50, é que, ao invés de adotarem o modelo do romance camiliano, adotaram o modelo do romance de Eça de Queirós. Esta é uma crítica que tenho feito aos romancistas neo-realistas. Crítica que eles sentem como muito ofensiva, porque realmente o neo-realismo sempre se reclamou do realismo burguês da geração de 1870 esquecendo toda a veia, toda a truculência, todo o extraordinário portuguesismo de Camilo. Este poderia servir à contestação desejada pelos neo-realistas quanto ao humor, sarcasmo, denúncia social, e marginalismo do jovem Camilo. Teria sido um modelo muito mais ativo, mais vigoroso. Há no entanto um neo-realista que entendeu isto: é uma das grandes autoridades em Camilo e tem-se dedicado a fixar os textos de Camilo - o

o Alexandre Cabral, uma das maiores autoridades em Camilo Castelo Branco e penso que ele concorda comigo quando digo que o modelo da narrativa camília na é muito mais atual.

L.D. - Eugênia Melo e Castro, jovem artista portuguesa, teria alguma influência do pai E.M. de Melo e Castro?

Melo e Castro - Quanto a Eugênia, ela não tem qual quer influência textual, não transparece nos textos. Ela se recusa a ter a simples publicação do texto desligado da música, optou pela comunicação através da música, de sua poesia. Tenho falado com ela várias vezes da possibilidade de publicar suas produções, etc. Ela diz não, que isso é para mim, é pra mãe.<sup>(1)</sup> O meio de comunicação específico é a música e os grandes meios de difusão cibernética, e o espetáculo ao vivo. Portanto, influência no texto ela não tem. A poesia dela é uma poesia intimista que denota a preocupação da geração dela, preocupações a que me referi há pouco, mas me parece que, no fundo, há um projeto otimista. Não há propriamente um projeto niilista, no trabalho de Eugênia Melo e Castro. Veremos no futuro, é muito cedo. Seja como for, há uma entrega profissional que ela consegue fazer desde muito cedo (que aos poetas da minha geração nunca foi possível fazer). Isto é um grande avanço, que a sociedade portuguesa possa oferecer aos jovens na casa dos vinte anos que queiram fazer, uma opção profissional no ramo artístico que escolheram.

E.P. - Permita-me, ao fim e ao cabo, expressar a dupla imagem de sua passagem entre nós. De um lado, a isenção na abordagem crítica; de outro, a fascinação no relato de seu pioneirismo no fazer da poesia experimental portuguesa. É uma imagem que vale a pena guardar.

Melo e Castro - Não tenho comentário a fazer, senão que estou de acordo e lhe agradeço por esta colocação que não chega a uma pergunta. A abordagem crítica isenta dos movimentos poéticos em Portugal (desde a poesia medieval até agora) tem sido a tônica do meu trabalho crítico. Tenho procurado ser isento e, como você coloca, apaixonado pela aventura experimental que me foi dado viver e contribuir para construir, para construir numa escala que serve a pequena dimensão da casa portuguesa para se alargar à dimensão da língua portuguesa em seus vários pendores, no pendor lusitano, no pendor brasileiro, no pendor africano também. Embora tenha menos relações com a literatura portuguesa praticada em países de expressão portuguesa em África, em todo caso, espero um dia poder dialogar com os novos escritores de língua portuguesa dos novos países africanos. Tenho de fato uma posição perfeitamente clara à minha inscrição no processo poético português. Reivindico, com algum calor polêmico, a minha posição e a posição de meus companheiros e camaradas nessa aventura, mas não sou cego nem dogmático ao ponto de não ser capaz de fazer uma abordagem crítica objetiva de movimentos que são, por vezes, antagônicos à nossa colocação.

(1) Maria Alberta Menêres